



**O centro de Maravilha – SC:
Relações entre Memória e Identidade Urbana**

Downtown of Maravilha-SC: Relationship between Memory and Urban Identify.

El centro de Maravilha-SC: Relaciones entre Memoria e Identidad urbana

Douglas Orestes Franzen

Professor Doutor, FAI Faculdades, Brasil
Douglas.franzen@seifai.edu.br

Patrícia Dalmina de Oliveira

Professora Mestre, FAI Faculdades e UNOESC, Brasil.
contato@patriciadalmina.com

Manuella Orso

Graduanda, UNOESC, Brasil.
manuorso@hotmail.com



RESUMO

O presente artigo visa entender as relações de Memória e Identidade Urbana presentes no centro de Maravilha, Santa Catarina. Para isso, busca-se compreender a formação urbana, a partir dos seus elementos estruturantes e as primeiras edificações do seu núcleo colonizador, ou seja, o centro atual da cidade com destaque para a Avenida Araucária. Através da memória coletiva, estabelece-se a relação espaço temporal de lugar, onde a identidade urbana toma forma. Conclui-se que é a partir da preservação do passado, da valorização dos lugares ricos em sensibilidade e memória coletiva, que se constitui a identidade da cidade e a conectividade dos seus cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Identidade Urbana. Maravilha-SC

ABSTRACT

This article proposes to understand the relationship between Memory and Urban Identity present in the downtown area of Maravilha, Santa Catarina. In order to do so, we aim to understand its urban formation, based on structuring elements and the first constructions of the colonizing nucleus, which is now the downtown area of the city, especially Araucária Avenue. Through collective memory, a temporal-spatial relation is established, where urban identity takes form. We conclude that what constitutes the identity of the city and the connectivity of its citizens is the preservation of the past, the valorization of places rich in sensitivity and the collective memory.

KEY WORDS: Memory. Urban identity. Maravilha-SC.

RESUMEN

Este artículo pretende comprender las relaciones de Memoria e Identidad Urbana presentes en el centro de Maravilha, Santa Catarina. Para ello, buscamos comprender la formación urbana, con base en sus elementos estructurantes y en las primeras construcciones de su núcleo colonizador, o sea, el centro actual de la ciudad, con la Avenida Araucaria. A través de la memoria colectiva, la relación es espacio de lugar establecido, donde la identidad urbana toma forma. Se concluye que es de la preservación del pasado, de la valorización de lugares ricos en sensibilidad y memoria colectiva, que constituyen la identidad de la ciudad y la conectividad de sus ciudadanos.

PALABRAS CLAVE: Memoria. Identidad urbana. Maravilha-SC.

1. INTRODUÇÃO

*“A memória da cidade é o nosso velho retrato de família.”
(Jaime Lerner)*

A cidade é historicamente vinculada a uma concepção de centro. Símbolo da cidade, o centro é onde existe a concentração de pessoas e mercadorias, local de negócios e trocas de ideias, de encontros entre diferentes costumes, culturas e pessoas, o centro geralmente se caracteriza pela simbiose histórica da formação urbana.

Assim, como o centro possui relação íntima com a cidade, o espaço público conforme Indovina (2002) foi o fundador da cidade. O espaço público possui grande importância para a formação e manutenção da cidade, representa a condição para que possa ocorrer a vida urbana; faz parte da identificação e da identidade, da forma representativa; e da socialização urbana. Além dos espaços públicos, destaca-se as edificações e os espaços de cunho histórico, que refletem o sentimento de identidade e memória de uma cidade.

Nessa perspectiva, a cidade de Maravilha/SC possui em sua área central importantes espaços urbanos, são locais de importância histórica, espaços pertencentes ao patrimônio e identidade da cidade. Há de se destacar de que esses espaços permanecem muitas vezes desvalorizados pela sociedade, esquecidos com o passar dos anos.

O presente artigo tem como objetivo entender a formação urbana do centro de Maravilha, a partir dos elementos estruturantes e das edificações que auxiliaram no processo da relação do espaço território, e espaço apropriado, carregado de simbolismo e sensibilidade, formando a identidade e memória de uma cidade.

2. A SIMBOLOGIA URBANA: O CENTRO DA CIDADE

O centro se confunde com a própria história da cidade, representando na maioria dos casos, o germen de sua formação (OLIVEIRA, 2011). Marco zero, o centro é o elemento primordial para a vida urbana, da mesma forma que o coração é essencial para a vida de um ser humano.

A cidade é formada com o passar do tempo, seu território se expande e novos bairros surgem, conforme Silva (2014, p. 317): “Dentro de uma cidade, dormem outras.” Assim, como existem diversos órgãos no corpo humano ligado ao coração através de artérias e veias, há diversos espaços em uma cidade, novos ou velhos, que se conectam ao centro através das avenidas e ruas (CASTILHO, 2008).

São os diversos espaços que constituem uma cidade, e entre eles, há os que constituem-se nódulos, centralidades, lugares de referência coletiva, destacando-se por muitas vezes o centro histórico, ou, o núcleo original da cidade. É no centro, que conforme Silva (2014, p. 317): “[...] as temporalidades se manifestam pela memória das pessoas usualmente agregada à matéria da arquitetura.”



O centro, de acordo com Panerai (2014, p. 139) é caracterizado pela coexistência da antiguidade, variedade e diversidade, onde os espaços públicos são claros, há concentração de equipamentos públicos e instituições, e a presença massiva de atividades comerciais, pela complexidade das funções. Silva (2011) complementa, ao afirmar que o centro é vital à constituição da cidade, pois possui maior quantidade e variedade de serviços e pessoas, palco da cultura, reunião e circulação, da união do público e privado, do manifesto e da opinião. É no centro da cidade que está a vitalidade urbana, onde as pessoas se reúnem e criam suas histórias (CASTILHO, 2008).

O centro, normalmente é identificado como lugar de “vestígios” pois guarda as marcas do tempo, das transformações, adaptações e apropriações do espaço urbano. Lugar de imaterialidade, o centro pode ser percebido através de valores, crenças e sentidos refletidos a partir das vivências de uma comunidade. De acordo com Pesavento (2007) os lugares de memória também são lugares de história, logo, a cidade é detentora de história e memória, assim como, também são essas relações entre memória e história que dão sentido a identidade do espaço.

Assim, conforme Pesavento (2007) os centros urbanos são ligados à história, memória e identidade. Por ser o núcleo de origem, o centro concentra o traçado inicial da cidade, seus prédios mais antigos, primeiros equipamentos urbanos, bem como, os centros políticos, culturais, religiosos e de sociabilidade.

E é nas cidades pequenas que o conceito de centralidade ligado aos espaços urbanos é mais evidente, visto que, é no centro urbano que existe a maior concentração de serviços e pessoas em um só lugar. Mesmo com o crescimento urbano, o núcleo original da cidade manteve-se como local de centralidade urbana (JACOBS, 2011). Assim, além da centralidade atual, o centro de Maravilha também é um local de identidade e sensibilidade urbana.

3. IDENTIDADE E SENSIBILIDADE URBANA

A identidade, conforme Pesavento (2008), corresponde ao resultado de um conjunto de lembranças, que surge a partir do indivíduo, mas que, somente se concretiza quando ligada a um grupo social. Com base em uma visão psicológica deste conceito, Jacques (1998 *apud* LAURENT; BARROS, 2000) ressalta que o conceito de identidade corresponde ao pensar coletivo, que contribui para a construção do ser individual.

Pollak (1992) complementa que a identidade além de ser formada através de um grupo de memórias individuais, necessárias para a composição da memória coletiva, é também ligada ao conceito de reconhecimento e sentimento de pertencimento para com a cidade, dependendo do outro para se constituir. Neste sentido, pode-se ressaltar que a formação da identidade, tanto do indivíduo quando do grupo social/população tem importância, pois é a partir da identidade que se constroem as memórias, lembranças da cidade no passado, para o presente e o futuro.



Na visão de Tedesco (2011), memória e identidade se vinculam na constituição de um imaginário cotidiano, no sentido de que “Memória coletiva envolve de uma forma ou de outra, o contexto social, o meio, as representações sociais, os grupos étnicos e de pertencimento, as instituições enquanto comunidades afins (família, escola, igreja, empresas, associações, agremiações, etnias, identidades etc.)” (TEDESCO, 2011, p. 163)

A identidade de uma pessoa e/ou de um grupo social, corresponde àquilo que o torna único, suas particularidades, suas características, sua cultura. O mesmo ocorre em uma cidade e em seu centro, a construção de sua identidade está relacionada com as edificações que abriga, a ambiência que se forma. Neste sentido, o patrimônio histórico cultural surge como agente de ligação entre a população e a cidade.

Para Figueiredo (2005, apud Bielschowski, 2009) é a partir das memórias coletivas, que surge a memória urbana, pois para haver a memória urbana é necessário remeter a um cotidiano vivido por um grupo de pessoas em uma dimensão espaço-temporal.

O centro urbano, logo, referencia as lembranças da formação da cidade a uma base material precisa, um determinado lugar onde sobrevivem as memórias. Conforme Halbwachs (1990 apud Bielschowski, 2009), a diferença entre a memória coletiva e a lembrança, é o fato da memória conseguir evocar um passado que está vivo na consciência do grupo, e não apenas a sobrevivência de um passado na forma de imagens-lembranças. O centro urbano, então, é um importante local, para a preservação das singularidades das cidades e a sua identidade.

Ressalta-se, que a população cuida daquilo que identifica, uma cidade que preserva e valoriza a sua história, suas lembranças, constrói em seus espaços uma ligação afetiva com os seus habitantes. Um local que não é visto como importante, tende a ser negligenciado e abandonado.

4. MARAVILHA E A AVENIDA ARAUCÁRIA

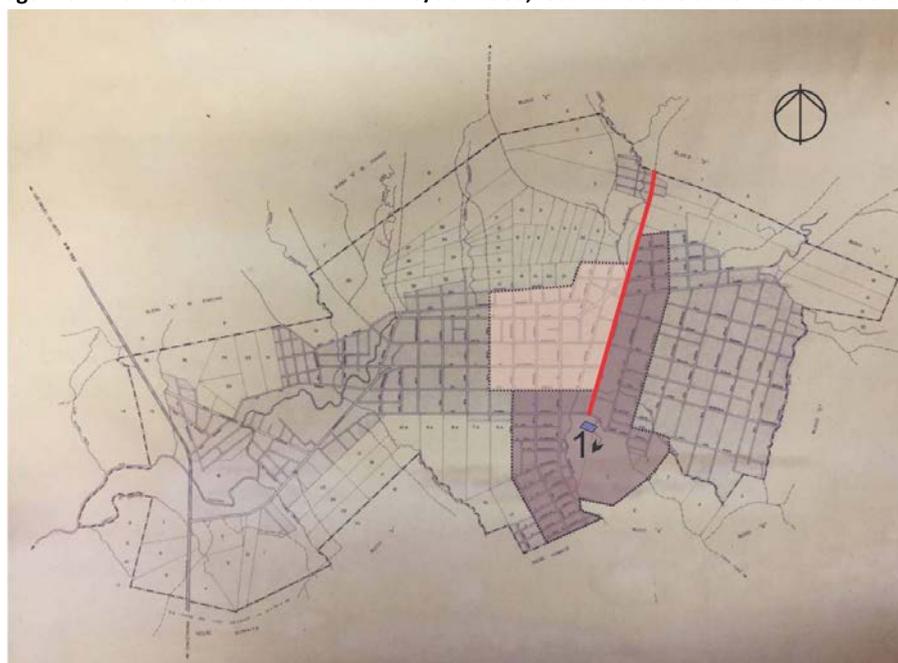
Maravilha atualmente é um pequeno município do Oeste de Santa Catarina, com uma população de 22.104 habitantes e a economia baseada no agroindustrial (IBGE, 2010). A cidade nasceu através de empreendimentos colonizadores por volta de 1949, tendo como destaque a Companhia Territorial Sul Brasil, empresa gaúcha de Porto Alegre que liderou o empreendimento visando dividir os lotes e explorar a madeira, muito abundante na região, recebendo descendentes, em sua maioria, alemães e italianos (GIALDI, 2003).

Ao pensar na formação urbana do centro de Maravilha, pode-se associar a três componentes fundamentais que, conforme Pesavento (2007), articulam as dimensões do espaço e tempo. Em primeiro momento, *os elementos estruturais*, que influenciam no traçado e na organização do espaço físico e do ambiente construído, e que acabam se revelando em termos de materialidade.

O processo da colonização do núcleo urbano foi definido através do parcelamento especial em pequenas propriedades, formando em torno de 9.000 lotes, no ano de 1956 (GIALDI, 2003). Conforme a Imagem 01, percebe-se que as ruas eram regulares, quadriláteras, definidas

conforme os pontos cardeais, as avenidas foram traçadas formando o eixo Norte e Sul e as ruas, o eixo leste e oeste, o que caracterizou a malha xadrez. A cidade era dividida entre Cidade Alta e Cidade Baixa (Imagem 01), sendo preferida pelos colonizadores a cidade alta para o início do núcleo urbano, porém a presença do Rio Iracema e a possibilidade de se morar próximo a este acabou por atrair a urbanização para as terras planas, ou seja, a cidade baixa.

Imagem 01 - Perímetro urbano de Maravilha/SC - 1986, localizando a Cidade Alta e Cidade Baixa



■ Avenida Araucária □ Cidade Baixa □ Cidade Alta Núcleo Inicial da Colonização
1 - Seminário e Capela Nossa Senhora de Fátima

Fonte: Acervo Museu Padre Fernando (1988) adaptado por Orso (2017).

O próprio nome da cidade é reflexo de um elemento estrutural: o morro do seminário. Ao visualizarem a região do alto do morro, os colonizadores visualizaram a quantidade de pinheiros e exclamaram “Que Maravilha!”, nomeando assim a cidade, bem como a principal Avenida, a Araucária. A nomeação da cidade e da avenida, tiveram como intuição gravar a lembrança de uma bela vista observada pelos colonizadores.

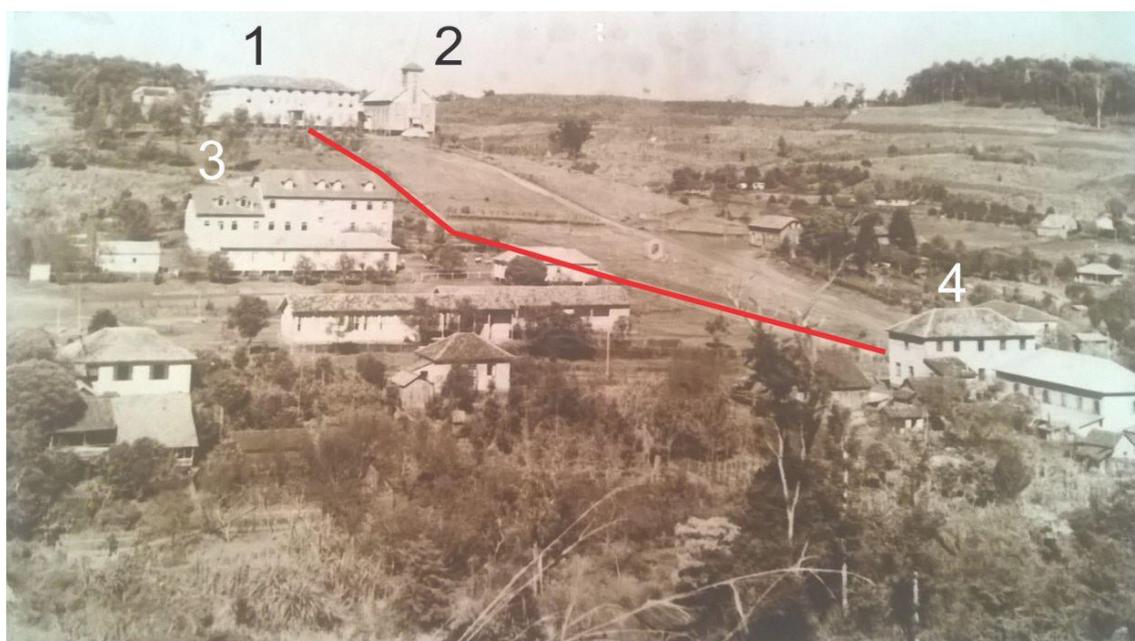
Hoje, na localidade restam apenas pequenos arbustos dessa espécie (GIALDI, 2003). A memória daquela paisagem, a luta contra o esquecimento estão marcadas pelo nome da cidade e de suas ruas. “Nesta medida, arquitetura, memória e história poderiam ser definidas como atividades humanas marcadas pelo enfrentamento com o tempo, assegurando registros voltados para a durabilidade. (PESAVENTO, 2005, p. 15)”.

Conforme a Imagem 02 percebe-se que os elementos estruturadores, foram o Morro e a Avenida Araucária. No morro se localizava o Seminário e a finalização da Avenida Araucária. Os equipamentos urbanos do início da colonização, como a capela Nossa Senhora de Fátima a

Escola Nossa Senhora da Salete, além de residências e o Moinho Frandaloso, como o banco do comércio/escritório da empresa colonizadora e atual museu da cidade estavam/estão localizados na Avenida Araucária.

Maravilha possui uma identidade eclética no seu processo de colonização, mas pode-se identificar através da paisagem urbana original uma forte influência do padrão das colonizações alemãs do Sul do Brasil, elemento que se reproduziu em vários empreendimentos colonizadores do Oeste catarinense. Gislou (2013) defende a ideia de que nas colonizações alemãs do Sul do Brasil, no traçado original das formações urbanas, a rua comercial ocupava um papel central, com a Igreja localizada em uma elevação ligeiramente afastada dos eixos principais. Do centro comercial, de maneira geral, fluíam os tracejados das ruas secundárias e das linhas coloniais rurais. Esse elemento dá um papel considerável para a atividade comercial no cenário da vila e da cidade e obviamente um protagonismo da edificação comercial na paisagem, fortalecendo a concepção de centro da cidade.

Imagem 02 - Loteamento Inicial e Primeiras edificações (1954 -1958)



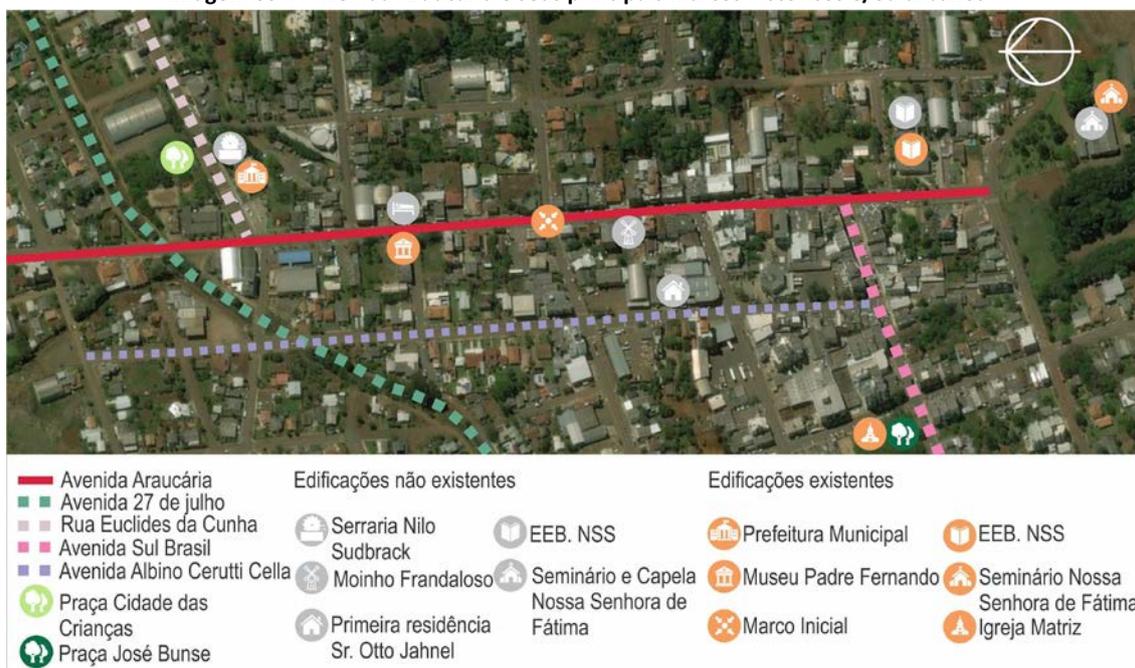
■ Avenida Araucária 1-Seminário 2-Capela 3-Escola de Educação Básica Nossa Senhora da Salete
4 - Moinho Frandalozzo

Fonte: Acervo Museu Padre Fernando (1954-1958) adaptado por Orso (2017).

O segundo componente fundamental delimitado por Pesavento (2007 – grifo nosso) é a “[...]a *apropriação deste espaço no tempo*, construindo a experiência do vivido e transformando este espaço em território, dotado de uma função e onde se manifestam as relações de sociabilidade”. Com o tempo e a efetivação da colonização, a Avenida Araucária se tornou a via comercial da cidade, bem como, onde se localizavam os equipamentos urbanos, como a igreja, hotel, e

escolas, favorecendo as relações de sociabilidade e permanência, tornando-se protagonista na paisagem, abrigando até hoje diversos marcos urbanos e equipamentos (conforme Imagem 03). A arquitetura tem importante papel na construção das memórias da urbe, por se tratar de algo que vai além do tempo, demonstrando nas suas edificações as muitas histórias da cidade (PESAVENTO, 2005). O centro então se torna contador das histórias do município através das edificações, que ao longo dos anos foram sendo construídas, reformadas ou demolidas. A Avenida Araucária, local de ocupação inicial da cidade, também se transformou e modificou, densificando e verticalizando, neste sentido, algumas edificações históricas deram lugar a prédios modernos, sofrendo com a expansão imobiliária. Atualmente, estas coexistem simbolicamente, sendo lembradas pela população e pelas fotografias.

Imagem 03: A Avenida Araucária e seus principais marcos históricos e/ou urbanos



Fonte: Bing Maps adaptado por Orso (2017)

O terceiro ponto, levantado por Pesavento (2007 – grifo nosso) é “[...] a dotação de uma carga imaginária de significados a este “espaço-território” no tempo, transformando-o em *lugar portador do simbólico e das sensibilidades*”.

Conforme Pesavento (2004) as sensibilidades seriam, as formas do homem traduzir a realidade através dos sentimentos e dos sentidos. É pela sensibilidade que pode-se capturar do passado à própria energia da vida. Deve-se para isso, encontrar a tradução do subjetivo, dos sentimentos em materialidades, que operariam como experiência externa a partir do individual e do coletivo.

Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído.

Falam, por sua vez, do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e de seu conjunto de significações construído sobre o mundo (PESAVENTO, 2004, p. 58).

Ao entender a cidade como escrita do espaço, para Nogueira (2015), às sensibilidades urbanas correspondem aos afetos formados a partir das relações sociais entre usuário-cidade, sendo estas relações que dão o real significado de lugar.

Para chegar às sensibilidades de um outro tempo, conforme Pesavento (2004), é preciso que estas tenham deixado um vestígio, que chegue até o presente como um registro, seja este: escrito, falado, imagético ou material.

O município de Maravilha, possui este registro tanto em sua forma urbana, bem como, nas fotografias encontradas em Museus e com seus moradores. Volta-se aqui, então, um lembrar, buscando as sensibilidades de outro tempo através das edificações que já existiram e ou existem, que marcam o centro de Maravilha, e especialmente a Avenida Araucária como portador do simbólico, da sensibilidade, bem como, do sentimento de lugar e de pertencimento no conjunto urbano da cidade.

4.1 AS EDIFICAÇÕES ¹ E A MEMÓRIA DO LUGAR

A Avenida Araucária foi elemento estruturante para a abertura de novas vias, entre elas pode-se destacar a Avenida Prefeito Albino Cerutti Cella (indicada na Imagem 03), onde foi construída a primeira residência do município em 1949 (Imagem 04). Simples e sem ornamentação, a casa era realizada com a madeira encontrada no local, percebe-se que está é uma edificação que representava o popular, o coletivo da época.

¹ Todas as edificações que serão comentadas estão localizadas na Imagem 02.

Imagem 04: Primeira residência de Maravilha



Fonte: Acervo Museu Padre Fernando (1949)

De acordo com Bosi (1994, p. 147 apud Figueiredo, 2005) é a partir da casa materna, que se consagra o centro geométrico do mundo, e a cidade cresce a partir desta em todas as direções. É da casa que partem as ruas, onde se desenrola o bairro, onde transforma-se o espaço, divide-se os terrenos, ocorre a primeira venda, cresce o primeiro bazar. Foi a partir da primeira residência que se iniciou a apropriação da cidade, logo, sua espacialidade e localização na cidade são carregadas de simbolismo e sensibilidades.

Com o decorrer do tempo, as edificações de maior porte foram surgindo e entre elas destaca-se o moinho da cidade (Imagem 05) e o primeiro hotel da cidade (Imagem 06), ambos localizados na Avenida Araucária. O moinho representa a história da colonização italiana no município, o qual tinha grande valor para a produção da cidade na época. O hotel, perpassa o crescimento da cidade, destacando-se como ponto de parada entre o oeste catarinense e outras localidades próximas, como observa-se na Imagem 05b, o mesmo possuía 3 pavimentos e, como as casas, era feito de madeira e de formato simplificado.

Imagem 05a: Moinho Frandaloso (indicado); 05b: Primeiro Hotel de Maravilha



Fonte 05a e 05b: Acervo Museu Padre Fernando (1950-1958)

A partir da década de 1950 houve o interesse por parte dos Missionários da Sagrada Família de trazer para o Oeste de Santa Catarina um Seminário, para isso obteve-se o apoio da Companhia



Sul Brasil, responsável pela colonização de Maravilha, que doou as terras para sua construção. O local então escolhido foi o início da Avenida Araucária.

A construção do seminário iniciou em 1951 e com o apoio de toda a população, o Pré-Seminário, chamado de Casa dos Missionários da Sagrada Família, foi edificado em seis dias, sendo inaugurado no natal do mesmo ano. A edificação, conforme Imagem 6a, era um galpão simples de madeira. Por ser uma construção provisória o Seminário (Imagem 6b) efetivamente começou a ser construído em 1952 e concluído em 1954, onde no dia 28 de fevereiro, foi celebrada uma missa em comemoração (GIALDI, 2003).

Por ser uma construção coletiva, o seminário apresenta importância histórica para o município, não somente pela sua localização no alto do morro que nomeou a cidade, mas também por abrigar a primeira igreja da cidade. Assim, como Pesavento (2004) revela sobre a sensibilidade ligada à memória, Gialdi (2003, p. 154 - grifo nosso) revela o sentimento existente em relação a edificação:

Durante os 20 anos o primeiro prédio de três pisos, todo de madeira, foi para Maravilha **um símbolo de luta e vitória**. Sobre os alicerces do velho pré-seminário, nos anos de 1974 a 1976, foi construído um novo seminário (...) do velho casarão de madeira que abrigava padres e seminaristas, **apenas restaram fotografias e escritos para reavivar a lembrança**.

São os rastros que marcam a presença do seminário na atualidade e da sua importância, hoje abrigando uma universidade em uma edificação nova, a localidade é um dos pontos visuais da cidade que lembram e repassam a vivência de um passado próximo, de uma cidade nova colonizada a partir da extração das Araucárias.

Imagem 06a - Inauguração da Casa dos Missionários da Sagrada Família – Pré-Seminário em 1951; 6b- Seminário e Igreja Nossa Senhora de Fátima em 1959.



Fontes: Acervo Museu Municipal Padre Fernando (1951-1959)

O sentimento do coletivo na construção da cidade é uma das marcas que observa-se nos principais equipamentos urbanos da cidade. Em 1952, novamente a população, se une para a construção da primeira escola, Escola Isolada Estadual de Maravilha (denominada em 1954), entre doação de materiais, e mão de obra, a escola foi concluindo, reforçando o sentimento de identidade e coletividade na cidade (GIALDI, 2003).

Em 1957 começou a ser construída no mesmo terreno próxima à antiga, uma nova edificação em madeira (Imagem 07b). Em 1970, foi realizada uma ampliação desta, para o acréscimo de mais salas de aula, onde foi demolida a antiga edificação para a construção de um novo bloco (GIALDI, 2003).

Imagem 07a: Primeira escola em 1951; 07b: Construção da Escola Nossa Senhora da Salete em 1957



Fonte: 07a - Blog Galera do Salete (2012); 07b - Acervo Museu Padre Fernando (1957)

Observa-se na nova escola a presença da influência alemã nos padrões construtivos. Em 2002, foram demolidos os blocos antigos, para a construção da nova escola em alvenaria, concluída em 2003 (GIALDI, 2003).

Uma das edificações da colonização que ainda encontra-se na cidade, é a que abrigava o Banco Nacional do Comércio e um dos escritórios da Companhia Territorial Sul Brasil. Atualmente, abriga o Museu Padre Fernando Nagel, e está sob preservação do patrimônio histórico e cultural do município desde 1970 através da Lei Municipal nº 344 de 1970 (GIALDI, 2003). A edificação passou por inúmeras reformas ao longo dos anos, descaracterizando-a parcialmente do período colonial.

O museu, atualmente é o espaço onde encontra-se o acervo histórico do município, abrigando itens e fotografias da colonização aos dias atuais. Em 2016, a edificação passou por sua última restauração, estando atualmente conforme a imagem 08.

Imagem 08: Museu Padre Fernando Nagel



Fonte: Maravilha (s.d)

Um dos lugares que pode-se materializar a memória de Maravilha através de uma edificação, o museu se sobressai entre edifícios modernos e contemporâneos, destacando-se na paisagem. Porém, não deve-se pensar na relação de memória apenas em relação às edificações existentes, conforme Pesavento (2007) o espaço território pode transformar-se no lugar.

O Lugar, possui importância referencial identitária, este pode possuir laços materiais, como no caso da edificação do Museu, ou do espaço urbano, através das localidades onde as primeiras edificações surgiram, além de laços imateriais e sociais. Os laços imateriais, são relativos à história e as lembranças que compõem as referências identitárias da cidade, os quais, podem ser utilizados para manutenção e promoção dos valores sociais e históricos.

Assim, a “memória do lugar, pode ser a chave para o poder dos lugares históricos, ao ajudar os cidadãos a definir seu passado coletivo. Conforme Castriota e Sousa (2014, p. 53):

A “memória do lugar” seria um traço cultural tão forte que muitas culturas diferentes usaram mesmo os chamados “palácios de memória” - sequências de espaços imaginários dentro de paisagens imaginárias, edificações ou séries de edificações - como ferramentas mnemônicas.

Estes lugares históricos são importantes despertares de memórias nos membros da comunidade que compartilham um passado, bem como, aos “forasteiros” que estejam interessados em conhecer, ou fazer parte da cidade (CASTRIOTA; SOUZA, 2014). É a partir do lugar, do reconhecimento das memórias, e da composição da memória coletiva, que surge o sentimento de reconhecimento, pertencimento para a cidade, formando a identidade dentro do espaço urbano, bem como a preservação da história da cidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo e a memória são grandes aliados ao constituir a cidade, com o tempo a cidade evolui e forma as memórias, porém é o tempo e a relação com o “novo” que faz a memória correr riscos. Diante da rápida ascensão da cidade com o “novo”, as edificações que compunham a história da colonização de Maravilha acabaram por deixar de existir, com exceção do Museu Municipal tombado em 1970, porém o lugar no meio urbano permanece. A partir deste quadro, há uma preocupação sobre a identidade dos cidadãos com a sua história, simbologia e as suas sensibilidades.

A preservação dos elementos do passado, e a manutenção da memória coletiva, bem como seu reflexo na memória urbana, partem da compreensão do passado. Entender como a formação urbana, os elementos estruturantes como Centro da Cidade, -- e nele a Avenida Araucária, o Morro do Seminário e as primeiras edificações --, refletem na identidade da cidade e a ideia lugar é de fundamental importância para a manutenção da memória.

Analisar brevemente aqui o passado, não teve como objetivo esgotar as interpretações e relações existentes, mas sim levantar questões importantes para compreender as relações espaço temporais, no presente e nos seus primórdios. Chamar a atenção sobre o espaço urbano e o patrimônio cultural de Maravilha, é de fundamental importância para a preservação da história pensando no futuro da cidade.

Afinal, sem a história e a memória, o presente se torna sem sentido, e o amanhã sem significado. Conforme Figueiredo (2014, p. 96) “O passado incorpora-se nas coisas que construímos, deixando de ser apenas lembrança, mas influenciando a maneira de agirmos e transformamos as paisagens que criamos”.

Se nos limitarmos ao presente, podemos perder o recuo, a vista de um conjunto que permite entender o passado, a compreensão da identidade e da memória coletiva. A cidade e a sua forma urbana, possibilitam reconstituir as memórias a partir de referências do seu ambiente construído, evoca o passado de uma forma reflexiva, um ambiente que forma e mantém a sua própria identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIELSCHOWSKY, Bernardo Brasil. **Patrimônio industrial e memória urbana em Blumenau/SC**. 2009. 211 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93035>> Acesso em out. 2017.
- BLOGALERADOSALETE. **61 anos de história**. Disponível em: <<http://blogaleradosalete.blogspot.com.br/2012/11/61-anos-de-historia.html>>. Acesso em: 15 mar. 2017.
- CASTILHO, Ana Luisa Howard. **Consensos e Dissensos no centro de São Paulo**: Significado, delimitação, apropriação e intervenção. São Paulo, 2008. 259 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-20072010.../Ana_Luisa_Howard.pdf> Acesso em: 10 mar. 2017.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci; SOUSA, Vilmar Pereira de. A força do lugar: patrimônio cultural e memória urbana. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche; FIGUEIREDO, Lauro César [Orgs]. **Lugares: patrimônio, memória e paisagens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. P. 47-74
- FIGUEIREDO, Lauro César. Memória, cidade e documentação: transformação da paisagem cultural da cidade de Santa Maria a partir da fotografia. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche; FIGUEIREDO, Lauro César [Orgs]. **Lugares: patrimônio, memória e paisagens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. P. 93-130
- FIGUEIREDO, Lauro César. **Memória e experiência de uma cidade do Paraná: o caso de Maringá**. Florianópolis, 2005. 200 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102978>>. Acesso em: set. 2017.
- GIALDI, Francisco. **Maravilha**: Sua terra, sua gente, sua história. 2 ed. Porto Alegre: EST, 2003. 669 p.
- GISLON, Jacinta Milanez. **A invenção da cidade germânica**: tradição, memória e identidade na arquitetura contemporânea de Forquilha-SC. 173 p. Florianópolis. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Arquitetura da UFSC, 2013.
- INDOVINA, F. O Espaço público: tópicos sobre a sua mudança. **Revista Cidades, Comunidades e Territórios**, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), n.5, p.119-123, 2002.
- IBGE CIDADES. **Maravilha**. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/sc/maravilha/panorama>>. Acesso em: maio. 2017.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 510 p.
- LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- LAURENTI, Carolina; BARROS, Mari Nilza Ferrari de. Identidade: questões conceituais e contextuais. **REVISTA DE PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL**, Londrina, v. 2, n. 1, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Inventários, espaço, memória e sensibilidades urbanas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 31, n. 58, p. 37-53, out./dez. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/43471/26994>>. Acesso em: set.2017
- OLIVEIRA, Lisete Assen De; Caminhos da Centralidade na cidade contemporânea: um jogo de escalas. In _____. **Arquitetura da cidade contemporânea**: Centralidade, Estrutura e Políticas Públicas. SILVA, Gilcéia Pesce Do Amaral E; Adriana Marques Rossetto (Orgs). 1 ed. Itajaí: Univali, 2011. p.21-47.



PANERAI, Philippe. **Análise Urbana**. Trad. Francisco Leitão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª reimpressão, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. In: **Cadernos do LEPAARQ**, Pelotas, vol. 2, n. 4, 2005, p. 9-17. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/893>>. Acesso em: 08 set. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Débats, mis en ligne le. 05 jan. 2007, Acesso em: 15 de set. de 2017. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/3212>

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, Memória e Centralidade Urbana. In: **Moisaco**, Goiás, v. 1, n. 1, p. 3-12, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/view/225>>. Acesso em: 22 mar. 2017

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 136 p.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em:<http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2017.

SILVA, Gilcélia Pesce Do Amaral. Acerca da estrutura e centralidade na cidade contemporânea. In: OLIVEIRA, Lisete Assen De; E; Adriana Marques Rossetto (Orgs). **Arquitetura da cidade contemporânea: Centralidade, Estrutura e Políticas Públicas**. . 1 ed. Itajaí: Univali, 2011. P. 97-109.

SILVA, Maria Angélica da. Centralidades em movimento: a cidade contemporânea e o tempo histórico. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche; FIGUEIREDO, Lauro César [Orgs]. **Lugares: patrimônio, memória e paisagens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. P. 317 -333

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces**: introdução à uma análise sócio-histórica da memória. Passo Fundo: Ed Universidade de Passo Fundo; Xanxerê: Ed. Universidade do Oeste de Santa Catarina; Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2011.

WERLANG, Alceu Antonio. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense**: A atuação da Companhia Territorial Sul Brasil. 1 ed. Chapecó: Argos, 2006. 149 p.